

Banqueiros prevêem que a taxa vai se estabilizar

A elevação das taxas de juros no mercado financeiro norte-americano foi o tema central dos debates que o presidente do Banco do Estado de São Paulo, Luiz Carlos Bresser Pereira, manteve ontem com membros do Forex Club da Associação de Bancos no Estado de São Paulo, entidade que reúne executivos da área externa dos bancos. E, apesar da preocupação com a alta da taxa básica cobrada pelos bancos dos EUA (**prime rate**), não há previsões sobre o patamar a que poderão chegar os juros.

"Tecnicamente, não consigo prever até onde chegará a **prime** e não acredito que alguém tenha elementos para isso", disse o vice-presidente do Bradesco, Fernão Botelho Bracher, ex-diretor da área externa do Banco Central. A contenção dos juros, que nos últimos 30 dias subiram de 11,0% para 12,0%, dependerá fundamentalmente, segundo Bracher, do interesse e da capacidade de os EUA reduzirem seu déficit fiscal.

Elmo de Araújo Camões, presidente do Banco Sogeral, entende que há uma tendência de alta, mas não acredita que ela atinja os 15,25% previstos na última segunda-feira por Henry Kaufman, diretor-geral da Salomon Brothers Inc., considerado um dos maiores especialistas em antecipar tendências de mercado nos EUA.

Para o presidente do Banespa, as estimativas de 15,2% em 85 parecem exageradas mas admitir que nos próximos anos a **prime** se manterá na faixa de 13% não chega a ser uma projeção pessimista. Ainda assim, com esses juros, o Brasil dificilmente conseguirá eliminar o déficit de con-

ta corrente nos próximos três anos, como pretende o Fundo Monetário Internacional, mesmo que as exportações cresçam a uma taxa real de 12% e que as importações continuem contidas em níveis suficientes para permitir um crescimento econômico de apenas 3,0% ao ano.

RENEGOCIAÇÃO

O presidente do Banespa disse que o Brasil deve exigir melhores condições para renegociação da dívida externa e mais flexibilidade nas exigências de reajustes impostas pelo FMI. As condições para o País renegociar com os credores poderão ser beneficiadas se outros grandes devedores, como a Argentina, adotarem uma posição mais firme.

Bresser Pereira disse que cerca de 50% da dívida externa brasileira foi causada por fatores externos, como a alta dos juros e a queda de preços dos produtos básicos exportados, "ou por uma elevação desses preços a taxas inferiores ao aumento dos produtos importados", o que, a seu ver, "deterioraram nossas relações de trocas comerciais". Somente uma parcela da dívida foi gerada "pela aventura irresponsável que o País realizou a partir de 1979, quando deveria ter optado por um reajuste sério ao segundo choque dos preços do petróleo".

Como parte da dívida e dos desajustes foi consequência de fatores externos, Bresser Pereira condenou o FMI por exigir apenas ajustes internos, transferindo totalmente a responsabilidade para o Brasil sem dividir esses sacrifícios com os credores.